

Limites do julgamento ético nos estudos que se valem de técnicas qualitativas

Bader Burhian Sawaia¹

Considerações iniciais

Para tratar desse tema é necessário tecer considerações sobre duas questões fundamentais referentes ao uso das técnicas qualitativas na produção de conhecimentos, uma que se refere ao debate entre qualidade e quantidade na pesquisa científica, o que equivale ao debate entre subjetividade e objetividade, e outra sobre a gênese da pesquisa qualitativa e os pressupostos epistemológicos que a motivaram.

A hipótese que apresento é a de que a pesquisa qualitativa nasce com a preocupação ética de superar a desumanização imposta pela pesquisa quantitativa de orientação positivista, importada das ciências exatas, que reduz o fenômeno humano a *fisicidade*. E esta preocupação ética pode se desvirtuar em risco à ética na pesquisa.

A pesquisa qualitativa é orientada por pressupostos que enfatizam ser o homem de outra ordem, diferente dos fenômenos físicos e que a verdade não está manifesta no objeto, mas é objeto para um sujeito, que lhe dá significado.

Trata-se de uma viva reação à filosofia do sec. XIX que afirma o objeto, a neutralidade do conhecimento e do pesquisador, o qual deve ser despojado de subjetividade.

Um marco histórico importante da gênese da pesquisa qualitativa é o movimento epistemológico que redundou na criação da fenomenologia, em 1900, fruto da preocupação de Husserl em criar uma metodologia científica mais adequada a análise do homem que a positivista, mas tão rigorosa quanto ela. Esse movimento crítico parte do suposto que o método positivista/quantitativo não possibilita expressar a subjetividade e a criatividade humana, reduzindo o homem à máquina. Além da fenomenologia, ele toma eixos teóricos diferenciados como o materialismo histórico dialético, o interacionismo simbólico e, mais recentemente, o construtivismo e o construcionismo, dentre outros que surgem como alternativas fundamentais para se superar as diretrizes e regras do positivismo.

O homem que a pesquisa qualitativa estuda é o da potência de criação e de liberdade, inclusive da *fisicidade*. Em lugar de objeto, estuda fenômeno, que é da ordem do sentido, da imaginação e da criação, fenômeno *soft*, não acessível imediatamente aos órgãos do sentido. Muitas vezes nem os próprios sujeitos têm consciência dele.

Se o homem não é máquina - e, conseqüentemente, a verdade científica sobre ele não está, exclusivamente, na objetividade, mas é afetada pelo sentido - não há distinção nítida entre fato e valor.

Essa preocupação em realizar estudos aprofundados, com rigor, na zona intensamente variável, estimula uma nova concepção de pesquisa que busca abarcar o singular configurando-se na complexidade do universal, a partir de metodologia flexível e variada. Assim, a pesquisa qualitativa busca superar a avaliação da realidade por experimentação e mensuração, propondo um processo de pesquisa em que o pesquisador vai "interpretando e desvelando" sentidos. Dessa forma, cria metodologia da pesquisa própria, flexível que se auto-corrige durante a pesquisa.

As técnicas qualitativas têm em comum a preocupação em desenvolver clima de harmonia entre pesquisador e pesquisado, transformando a pesquisa em um encontro amigável e baseado na confiança entre eles. A relação pesquisador-pesquisado é sempre face a face.

Outra diferença é que a quantitativa aborda categorias de pessoas e é extensiva, e a qualitativa foca o sujeito e é intensiva, dirigindo-se a um número reduzido de pessoas, valendo-se de uma grande abertura nas indagações que propõe ao pesquisado.

Enfim, com este preâmbulo, quero destacar que a pesquisa qualitativa nasce com a responsabilidade ética de captar o humano, de questionar a neutralidade da pesquisa, a relação pesquisador-pesquisado, enfatizando a necessidade de um ambiente de confiança e respeito e não de neutralidade.

Essa concepção de pesquisa tem como essência metodológica as questões éticas postas pela Resolução 196/96, portanto, exige análise e uso diferente do protocolo da ética na pesquisa.

Dos limites e possibilidades no cumprimento das exigências éticas na pesquisa qualitativa

Ao analisar a ética na pesquisa qualitativa, é preciso considerar duas qualidades de problema, de um lado, as especificidades dos riscos para a ética na pesquisa que ela contém, de outro, considerar que as preocupações necessárias com a ética na pesquisa qualitativa podem comprometer o desenvolvimento pleno de estudos que se valem da abordagem qualitativa.

¹ Doutora em Psicologia Social, Vice-reitora Acadêmica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Isto é, ao mesmo tempo em que a ética está embutida na metodologia da pesquisa, emergem riscos que podem constituir empecilho ao desenvolvimento da investigação, em duas dimensões correlatas: uma relacionada à burocratização da ética e outra, ao engessamento da pesquisa.

Vejam alguns exemplos relacionados ao protocolo e à responsabilidade do pesquisador:

- Em relação ao **consentimento livre e esclarecido**: como se trata de pesquisa baseada na relação amigável e de confiança entre pesquisador/pesquisado e suas técnicas visarem à aproximação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, ao *sentir e refletir com* e não ao afastamento e à neutralidade, corre-se o risco desse clima favorecer a obtenção de informações delicadas e sigilosas, na forma de desabafo, de contar segredos. O sujeito fala mais abertamente, o que aumenta a responsabilidade do pesquisador de decidir o que fazer com a informação. Por outro lado, a pesquisa qualitativa pode ser prejudicada pela exigência do consentimento livre e esclarecido, a depender do sujeito da pesquisa: quem se responsabiliza pelo termo de consentimento livre e esclarecido quando se investiga menores de rua? Nas pesquisas realizadas em instituições fechadas, a instituição é soberana para responder pela autorização? Também, muitas vezes, não é possível contar o objetivo da pesquisa de forma plena para não enviesar os resultados e induzir respostas.
- Com relação à **autonomia** do sujeito, indaga-se se existe o livre-arbítrio. Espinosa considera que o livre-arbítrio é uma superstição, mesmo porque não somos livres com capacidade de decidir sem que sejamos estimulados na nossa capacidade de reflexão. Por exemplo, muitas vezes o sujeito insiste em ser identificado, no auge da entrevista, para favorecer uma causa na qual está engajado e depois se arrepende.
- O **sigilo** tem outras duas implicações que precisam ser analisadas. A revelação da identidade do sujeito da pesquisa é mais fácil na qualitativa. Como o número de sujeitos é reduzido e a pesquisa sempre é dirigida a pequenas unidades, é grande a possibilidade de se identificar o pesquisado, mesmo que se omita o seu nome, o que é um dilema crucial no processo de pesquisa qualitativa. Outra dificuldade é a emergência da contradição entre o compromisso com o sigilo e o compromisso com a denúncia de abusos e violências e de seus impetrantes, constatados pela pesquisa. O sigilo, em alguns casos, acaba por proteger o infrator de normas e valores éticos fundamentais, bem como tolher resultados da pesquisa.

Considerações finais

As situações aqui exemplificadas demonstram que a responsabilidade do pesquisador na pesquisa qualitativa vai além do esclarecimento do objetivo da pesquisa. As informações compartilhadas com os sujeitos devem prever riscos e o pesquisador deve estar preparado para resolver os problemas que suscita. Suas indagações podem gerar sofrimento nos sujeitos pesquisados e compete ao pesquisador assumir a responsabilidade do mesmo e ter a sensibilidade para detectá-los.

Calcular o **custo/benefício** em pesquisas que trabalham na zona do intensamente variável é questão delicada que exige muita reflexão. Muitas vezes ela trabalha com aquilo que o sujeito deixou no fundo da memória para evitar sofrimento. Outras vezes, a pesquisa qualitativa pode se tornar um espaço de acolhimento e de prazer que gera sofrimento ao terminar. Esse é outro dilema ético na condução de pesquisas qualitativas: a previsão da continuidade de benefícios. O pesquisador precisa prever diferentes qualidades de riscos e estar preparado para reconhecê-los e acolhê-los para evitar danos.

Para concluir, ressalto que é preciso compreender que o enfrentamento de questões éticas não pode ser tratado por regras rígidas. Ao assumir o compromisso com a investigação daquilo que é da ordem da singularidade e na relação face a face, é preciso incorporar as implicações éticas da repercussão social da pesquisa cotejando-as com as conseqüências sofridas pelos indivíduos pesquisados. E o que é mais importante, sem que se perca de vista os valores humanistas de defesa da vida digna e feliz, pois a ética não deve ser vista somente nos procedimentos da pesquisa e no protocolo, mas também no motivo pelos quais eles são realizados. Portanto, o protocolo não pode ser visto como um questionário a ser respondido, mas um exercício de reflexão e ação da pesquisa.

Referências bibliográficas

- GUARESHI, N.M (Org.) **Estratégias de invenção do presente**: a psicologia social na contemporaneidade. Porto Alegre, 2004.
- SAWAIA, B.B. A Ética nas Ciências Humanas: entrevista a **Cadernos de Ética em Pesquisa**, ano III, nº4, abril de 2000. Publicação CONEP.
- SAWAIA, B.B. O Irredutível Humano: uma ontologia da liberdade. In Anais do XII Encontro brasileiro de psicologia Social- ABRAPSO. Porto Alegre: Edit. PUCRGS, 2004.